

Prazer e sofrimento no trabalho do jornalista¹

Cristiane Oliveira Reimberg²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Fundacentro, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre o prazer e o sofrimento no trabalho do jornalista. Para tanto, usa como referencial teórico os conceitos da psicodinâmica do trabalho (PDT), desenvolvidos por Christophe Dejours. Essa reflexão se dará a partir de 20 entrevistas com jornalistas de diferentes gerações e com experiências diversificadas, realizadas para nossa pesquisa de doutorado - “O cotidiano jornalístico: organização do trabalho, práticas, prazer e sofrimento”.

Palavras-chave

Prazer; Sofrimento; Trabalho; Jornalista.

I. Introdução

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões sobre o prazer e o sofrimento no trabalho do jornalista, realizadas em nossa pesquisa de doutorado “O cotidiano jornalístico: organização do trabalho, práticas, prazer e sofrimento”.

Esse trabalho foi iniciado em fevereiro de 2011, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – PPGCOM, sob a orientação da professora doutora Alice Mitika Koshiyama. O objetivo é estudar como se dá a organização do trabalho no jornalismo, refletindo sobre a relação de sofrimento e prazer no trabalho do jornalista, partindo da perspectiva de que a saúde no trabalho é um direito de cidadania.

A partir desse estudo, também criamos, este ano, um projeto na Fundacentro com esse mesmo tema, para dar continuidade às discussões, dentro do Programa Organização do Trabalho e Adoecimento – Proort. A proposta está em fase de aprovação nessa instituição

¹ Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Prof^a Dra. Alice Mitika Koshiyama, na ECA/USP, e analista em ciência e tecnologia da Fundacentro, instituição de pesquisa sobre segurança e saúde do trabalhador do Ministério do Trabalho e Emprego. E-mail: crisreim@yahoo.com.br

de pesquisa sobre segurança e saúde do trabalhador, pertencente ao Ministério do Trabalho e Emprego.

O objeto dessa pesquisa é a organização do trabalho jornalístico - que abrange novas tecnologias, a flexibilidade do capital e das relações de trabalho - e seu impacto sobre a saúde do profissional. Nesse cenário, o trabalho pode ser visto como fonte de sofrimento, mas também pode ser fonte de prazer.

A hipótese parte do pressuposto que a organização do trabalho no jornalismo com ritmo acelerado, sobrecarga e jornada excessiva possibilita um cenário propício ao adoecimento, especialmente, sintomas físicos ligados ao estresse e à postura corporal adotada durante o trabalho, LER/DORT e transtornos mentais e de comportamento. Ao mesmo tempo, a qualidade do texto piora por não se ter tempo para fazer uma apuração adequada.

O sofrimento gerado pelo trabalho, no entanto, é amenizado quando o jornalista tem seu trabalho reconhecido e quando consegue atribuir um valor positivo para a atividade que realiza. Ele constrói estratégias para realizar seu trabalho e chegar a um resultado satisfatório. Passa-se, então, do sofrimento ao prazer. Segundo Dejours,

O grande meio de transformar o sofrimento em prazer é o reconhecimento. Esse reconhecimento acontece a partir da gratidão em relação ao trabalho que foi feito. É o reconhecimento na forma de julgamento da qualidade do trabalho. Essa qualidade está sempre relacionada a certo modo de sofrimento no trabalho. Por exemplo, você não pode ser uma boa jornalista se você não sofrer com o que você faz, com relação aos prazos, à escrita, à autocensura, tudo isso faz parte. O prazer só pode vir no segundo momento, quando, por exemplo, há o reconhecimento sobre a qualidade do artigo publicado.³

Assim acreditamos que o reconhecimento traz implicações não só na transformação do sofrimento em prazer, como diz Dejours, mas também pode contribuir para uma prática jornalística voltada para princípios éticos e para o interesse do cidadão. Outro fator é preponderante é a existência de certa “vocação” ao jornalismo, um “amor” à profissão ou até mesmo um imaginário criado em torno da mesma, como já foi constatado por alguns estudos como Heloani (2003) e Travancas (1993).

A pesquisa de Heloani (2003) dá alguns subsídios para o estudo que pretendemos desenvolver. Ao centrar na questão do estresse, deixa vários espaços a ser explorados e aprofundados.

³ Essa afirmação de Dejours foi feita em entrevista realizada pela autora desse projeto durante o VI Colóquio Internacional de Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho e o I Congresso da Associação Internacional de Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho, ocorridos no final de abril de 2010, em São Paulo/SP. Foi a primeira vez que o evento ocorreu fora da França. A entrevista foi publicada na Revista Proteção, nº 122, junho/2010.

Verificamos que faltam estudos sistemáticos acerca da atividade do jornalista como sendo propiciadora de stress e outras doenças ocupacionais. A experiência clínica nos leva a supor que o stress nesta área advém sobretudo do trabalho que faz do jornalismo uma profissão de risco e também de morte precoce.

Pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), junto a sindicatos de jornalistas, demonstram uma tendência nada promissora para essa profissão: devido às doenças insidiosas e, portanto, de difícil diagnóstico precoce, parte significativa desses profissionais não alcança sequer a aposentadoria... Ademais, a partir da implantação de novas tecnologias nas redações nacionais, os usuários – jornalistas em sua maioria – se vêem cada vez mais diante dos “Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho” (DORT). (HELOANI, 2003, p.20)

II. Procedimentos Metodológicos

Buscamos reconstituir a história da organização do trabalho no jornalismo a partir de estudos na área de comunicação e das entrevistas realizadas com jornalistas de diferentes gerações. Assim contextualizamos questões relacionadas à cidadania, ao jornalismo, à organização do trabalho e à saúde do trabalhador.

Por meio de entrevistas semiabertas com jornalistas, ouvimos os relatos desses profissionais sobre a organização do trabalho, a percepção deles sobre a própria saúde, relações entre vida e trabalho, práticas profissionais, prazer e sofrimento no trabalho. Também fizemos perguntas sobre o uso das novas tecnologias, buscando delinear os impactos que elas tiveram sobre as práticas jornalísticas e sobre o trabalho.

Formamos um grupo heterogêneo com profissionais de diferentes faixas etárias e com experiência em diferentes veículos de comunicação (jornais, revistas, internet, TV e rádio), mesmo *freelancers*, pois eles também estão submetidos à forma como o jornalismo está organizado e fazem parte dessa organização. Ainda há os casos de profissionais que são contratados como pessoa jurídica.

Optamos por fazer uma seleção intencional, aquela em que “o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representação subjetiva” (DUARTE, 2005, p-69). Assim criamos seis grupos divididos por faixa etária: 20 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos, 60 a 69 anos e mais de 70 anos. Para termos a visão de diferentes gerações, estipulamos que cada grupo teria pelo menos dois entrevistados.

Para selecionar os entrevistados, criamos em conjunto com nossa orientadora uma lista com diversas possibilidades, chegando a 70 nomes de jornalistas. Essas pessoas eram

consideradas, levando-se em conta o trabalho que realizavam, a pluralidade de veículos e idades necessárias à pesquisa, além do envolvimento profissional. Os próprios jornalistas chegaram a indicar outros profissionais. Eventos e livros relacionados ao jornalismo também nos auxiliaram a compor essa lista.

Levantados os nomes, pesquisávamos a vida profissional da pessoa utilizando redes sociais, como *LinkedIn* e *Facebook*, e sites, como Portal dos Jornalistas e a Plataforma *Lattes*. Além disso, fizemos uma pesquisa sobre a produção jornalística dos entrevistados, lendo, ouvindo ou assistindo as suas obras. A consulta aos livros também foi fundamental para a seleção de entrevistados, sejam aqueles escritos por eles mesmos ou os que citavam seus nomes.

Com essas informações, fechamos a lista buscando formar um grupo com experiências heterogêneas. Entramos em contato com 41 jornalistas, dos 70 nomes levantados inicialmente. De alguns conseguimos retorno, outros não manifestaram interesse. Por fim, realizamos 20 entrevistas semiabertas, um dos tipos possíveis de entrevista individual em profundidade, buscando um material qualitativo.

Esse tipo de entrevista traz uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Procuram-se respostas intensas e “elementos para a compreensão de uma situação ou estrutura de um problema”. (DUARTE, 2005, p.62-63)

Nesta pesquisa, procuramos subsídios para construir um panorama da organização do trabalho no jornalismo e a relação de prazer e sofrimento no trabalho do jornalista. Para tanto, os jornalistas falaram de sua história e experiências, dando vazão a sua subjetividade, mas também aos fatos concretos que vivenciaram.

Os jornalistas entrevistados receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual conheceram detalhes da pesquisa e puderam optar pela identificação ou não de seu nome. Essas entrevistas foram realizadas entre 10 de dezembro de 2013 a 1º de julho de 2014, formando o seguinte quadro de entrevistados:

Entrevistas Realizadas		
20		
Grupos por faixa etária	Número de entrevistados	Relação de entrevistados

<p>20 a 29 anos</p>	<p>4</p>	<p>Priscilla Nery Rocha – 25 anos – experiência em Internet e revistas especializadas <i>Emergência e Proteção</i> (sobre saúde e trabalho).</p> <p>Vivian Fernandes – 27 anos – Rádio Agência NP e Jornal Brasil de Fato SP.</p> <p>Homem de 27 anos – revista semanal de informação e produção de conteúdo para empresa não pertencente à mídia.</p> <p>Mulher de 27 anos – Mídia alternativa e TV Brasil.</p>
<p>30 a 39 anos</p>	<p>5</p>	<p>Homem de 32 anos – Revistas e editora especializadas, <i>Folha de S. Paulo</i>.</p> <p>Homem de 35 anos - Revista e rede colaborativa de jornalismo pela Internet.</p> <p>Mulher de 33 anos – Mídia alternativa / movimentos sociais e EBC (Empresa Brasileira de Comunicação).</p> <p>Leonardo Sakamoto – 36 anos – Editora Abril, blog no IG e UOL, Repórter Brasil.</p> <p>Homem de 39 anos – experiência em sites e agência de notícias, TV e, principalmente, em rádio, na CBN.</p>
<p>40 a 49 anos</p>	<p>3</p>	<p>Homem de 40 anos – experiência em jornal, revista e agência de notícias.</p> <p>Ivan Marsiglia – 43 anos – revistas <i>Playboy</i> e <i>Trip</i>, <i>O Estado de S. Paulo</i>.</p> <p>Fernanda Cirenza – 49 anos – <i>Folha de S. Paulo</i>, <i>Marie Claire</i>, <i>Diário de São Paulo</i>, revista <i>Brasileiros</i>.</p>
		<p>Paula Puliti – 50 anos – <i>Gazeta de Pinheiros</i>, revista <i>Saúde</i>, <i>O Estado de S. Paulo</i>, <i>Folha de S. Paulo</i>, <i>Diário do Grande ABC</i>, Agência Estado.</p>

50 a 59 anos	3	<p>Marilu Cabañas – 51 anos – rádios Guarujá, Bandeirantes, Cultura e Brasil Atual, além de passagem pela TV, no SBT.</p> <p>Homem de 58 anos – revistas semanais de informação, jornais diários e Internet.</p>
60 a 69 anos	2	<p>Aureliano Biancarelli – 63 anos – <i>Veja</i>, <i>Jornal da Tarde</i>, <i>Folha de S. Paulo</i> e atualmente frilas para revistas e instituições.</p> <p>Ricardo Kotscho – 66 anos – <i>O Estado de S. Paulo</i>, <i>Folha de S. Paulo</i>, <i>Jornal do Brasil</i>, <i>Isto é</i>, <i>Época</i>, Globo, SBT, Bandeirantes. Atualmente blog <i>Balaio do Kotscho</i>, Record e revista <i>Brasileiros</i>.</p>
Mais de 70 anos	3	<p>Clóvis Rossi – 71 anos – <i>Correio da Manhã</i>, <i>O Estado de S. Paulo</i>, <i>Isto é</i>, <i>Folha de S. Paulo</i>.</p> <p>Audálio Dantas – 81 anos – <i>Folha da Manhã</i>, revistas <i>O Cruzeiro</i>, <i>Quatro Rodas</i>, <i>Realidade</i>, e atualmente <i>Negócios da Comunicação</i>.</p> <p>Alberto Dines – 82 anos – revista <i>Visão</i>, <i>Última Hora</i>, <i>Diário da Noite</i>, <i>Jornal do Brasil</i>, <i>Folha de S. Paulo</i>, Editora Abril. Atualmente <i>El País</i> e <i>Observatório da Imprensa</i>.</p>

Segundo Duarte (2005, p.66), a entrevista semiaberta conta com um roteiro de questões voltadas para o interesse da pesquisa. Busca tratar da amplitude do tema. Explora ao máximo cada resposta. É conduzida em parte pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador.

Optamos por elaborar um roteiro maior pensando na possibilidade de esgotar ao máximo os temas abordados. As questões foram elaboradas a partir de duas entrevistas testes realizadas em 2011. Assim foi possível refletir sobre o que foi perguntado e agregar novos questionamentos. À medida que a pesquisa avançava, com a leitura da bibliografia, a

participação em eventos e a qualificação, o roteiro foi aperfeiçoado até chegar à versão final usada para as 20 entrevistas:

1. Dados Gerais: nome, idade, tempo de atuação no jornalismo; Formado em quê? Quando?; Onde já trabalhou e quais atividades na área já realizou?; Onde trabalha atualmente e que atividade realiza?; Qual o seu tipo de contrato de trabalho?
2. Fale sobre o seu trabalho.
3. Como é a sua rotina de trabalho?
4. Como você avalia o seu ritmo de trabalho (horas por dia, fim de semana, matérias produzidas)?
5. Existe muita pressão no seu trabalho? De que forma? (avaliação individual?)
6. Como você avalia a condição de trabalho do jornalista atualmente?
7. Você considera a sua profissão estressante? Pode dar algum exemplo de situações desse tipo?
8. Já houve alguma situação de trabalho que o levou a ter algum tipo de dor, por exemplo, dor de cabeça, dor nos pulsos, lombar. Se sim, é comum isso acontecer? Com que frequência? Em que situações?
9. Existe alguma limitação no seu trabalho que o incomode?
10. Você acredita que tem autonomia para realizar o seu trabalho? Se sim, de que forma? Se não, por quê?
11. Há liberdade para a sugestão de pautas?
12. As matérias costumam ser feitas mais na redação ou é comum sair à rua?
13. O trabalho permite que você exerça toda a sua criatividade? Ou há espaço para exercê-la?
14. O que você acha necessário para melhorar o seu trabalho como jornalista tanto nas práticas profissionais quanto nas condições de trabalho e saúde?
15. Você acha que o seu trabalho afeta a sua vida pessoal de alguma forma? (Relação com família, amigos, lazer...)
16. Você acredita que existe muita competitividade entre os colegas do seu meio de trabalho? E em outros lugares que você trabalhou?
- 17 - Como é o seu relacionamento com a chefia? E em outros locais que trabalhou?
- 18 – Você acha que as novas tecnologias tiveram que tipo de impacto no jornalismo?
- 19 – Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de assédio moral?

20 – Há relatos de uso excessivo de álcool ou drogas por jornalistas. Você já teve conhecimento de alguma situação desse tipo?

21 – Você já vivenciou algum tipo de violência por ser jornalista?

22 – O que vê como sofrimento no trabalho do jornalista?

23 – O que é prazer para você no trabalho de jornalista?

24 - O que é ser jornalista para você?

25 – Tem algo mais que você gostaria de falar sobre o trabalho do jornalista e não foi contemplado nas questões?

Não se trata de um roteiro fechado. A ordem das questões mudava de acordo com a entrevista, assim como surgiam outras perguntas conforme as colocações e experiências dos entrevistados. Da mesma forma, alguns temas foram tratados antes de serem perguntados. Isso deu dinamicidade às entrevistas. Além disso, as questões 2 e 25 são abertas para que o entrevistado possa acrescentar reflexões não direcionadas pela pesquisadora.

Da forma que as entrevistas aconteceram, todos os temas do roteiro foram abordados nas falas dos jornalistas. As entrevistas foram gravadas para a transcrição na íntegra. Também temos um caderno de campo para anotar nossas impressões durante a entrevista, os gestos dos entrevistados e os principais pontos abordados.

Buscamos “visões e relatos diversificados” (DUARTE, 2005, p.69). A partir da fala dos jornalistas, refletimos sobre o cotidiano de trabalho, as condições organizacionais vivenciadas pelos profissionais e o sentido que os mesmos dão ao trabalho que realizam.

Observamos se esse trabalho é fonte de prazer ou sofrimento, a partir das perspectivas da psicodinâmica do trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours. Para tanto, fazemos a análise dos conteúdos das falas, tendo os conceitos de psicodinâmica como referência teórica.

III. Prazer e sofrimento

Christophe Dejours lançou os fundamentos da Psicodinâmica do Trabalho (PDT) no livro *Travail, Usure Mentale* em 1980, traduzido para o português como “A loucura do trabalho” (1992). Nessa primeira obra, ele ainda usou o termo psicopatologia no trabalho, mas as bases da PDT já estavam lá.

Segundo Dejours (2011), a mudança de nome ocorreu no início dos anos 90, caracterizada por três dimensões: a expansão da clínica do trabalho; a teoria e prática específica elaborada a partir de 1980, dialogando com a teoria psicanalítica do sujeito a partir de Freud e a teoria da sedução de Laplanche, com a sociologia e com as ciências do trabalho, especificamente, a ergonomia francesa; e o método de investigação, que analisa o “trabalho psíquico imposto ao sujeito pelo conflito entre os constrangimentos da organização do trabalho e os próprios constrangimentos do psiquismo”.

A partir da conceituação da Psicodinâmica do Trabalho e com o lugar que o sujeito vai ocupar nessa nova teoria, Dejours, no nosso entender, vai dialeticamente conservar, ultrapassar e transformar este campo de investigação. Se a Psicopatologia do Trabalho entendia como seu objeto a “análise do sofrimento psíquico resultante do confronto dos homens com a organização do trabalho”, a PDT, em 1993, passa a entender o seu campo com uma nova perspectiva: “a análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho”. Não será à toa que a centralidade do trabalho vai passar a ser defendida em um momento em que se apregoa a produção sem o ser humano: a tese agora passa a ser que o trabalho é o mediador privilegiado entre o inconsciente e a sociedade. O trabalho aqui entendido como trabalhar, como atividade de um sujeito que, ao mesmo tempo, é intersubjetivo. O sujeito entendido inicialmente como alguém que se adapta, passa a ser compreendido como um sujeito ativo que transforma o sofrimento em prazer e que tem um potencial de transformação do real, agindo no mundo, em cooperação com outros. (Uchida, Sznelwar, Lancman, 2011, p.5)

O trabalho pode, assim, ser favorável ao equilíbrio mental e a saúde do corpo (DEJOURS, 1992, p.134-135). A boa adequação entre organização do trabalho e estrutura mental se apoia numa “análise precisa da psicodinâmica da relação homem/trabalho”. Essa situação é alcançada quando “as exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa” vão ao encontro das necessidades do trabalhador, assim, o exercício da tarefa se origina de uma descarga ou de um “*prazer de funcionar*”.

Outra possibilidade ocorre quando o “conteúdo do trabalho é fonte de uma satisfação *sublimatória*. Nesse caso, as concepções do conteúdo, do ritmo de trabalho e do modo operatório são deixados em parte nas mãos do trabalhador. A organização do trabalho pode ser modificada conforme seu desejo ou suas necessidades e até variar “com seus próprios ritmos biológicos, endócrinos e psicoafetivos”. Essas características são possíveis para artesãos, profissionais liberais e responsáveis de alto níveis.

Dejours cita ainda o caso de artistas e pesquisadores, apesar de sacrifícios materiais os fazerem sofrer, o prazer do trabalho é a melhor defesa que possuem. Essa conclusão pode servir também para os jornalistas, que possuem essa forte relação de prazer com o

trabalho, apesar de não haver para eles a possibilidade de modificar a organização do trabalho conforme suas necessidades.

Por outro lado, o sofrimento sempre estará presente no trabalho e pode até servir para extrair a produtividade através do uso que se faz dos mecanismos de defesa usados contra ele. Isso ocorre no jornalismo. Ribeiro (2001) apresenta o funcionamento da empresa jornalística, a redação e suas contradições, fazendo inclusive uma comparação da redação com a linha de montagem. Ele mostra como a tensão é usada para gerar mais produção e como ocorre com o estabelecimento das avaliações individuais.

O trabalho pode também abrir “as portas ao prazer” e desempenhar “um papel de mediador na construção da saúde” (DEJOURS, 2012, p. 14). Além disso, “o trabalho vivo não consiste apenas em produzir, mas implica ainda transformar-se a si próprio” (p.20).

A psicodinâmica do trabalho pleiteia em favor da hipótese segundo a qual o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no mundo objetivo. O trabalho é sempre uma provação para a subjetividade, da qual esta sai sempre ampliada, engrandecida ou, ao contrário, reduzida, motivada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é apenas produzir, mas ainda transformar-se a si próprio e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade de provar-se a si mesma, de realizar-se. (DEJOURS, 2012, p. 33-34)

Essa transformação e realização do sujeito são visíveis no trabalho do jornalista. Se por um lado esse trabalhador alcança o prazer, por outro, convive diariamente com o sofrimento no trabalho. Há um grande envolvimento com a profissão e não há separação entre trabalho e vida. O trabalho dá sentido à vida, e o envolvimento e a mistificação da profissão fazem com que se aceitem as condições organizacionais, como o excesso de trabalho, longa jornada, ritmo e pressão, ainda que essas condições sejam fatores de sofrimento.

Nas entrevistas realizadas para a tese, esse sofrimento atrelado à organização do trabalho aparece nas falas dos jornalistas entrevistados. As condições de trabalho e a precariedade, as jornadas exaustivas, a pressão contra o relógio e pelo prazo do fechamento, o desgaste físico e emocional foram citados na questão sobre sofrimento no trabalho. Outros itens considerados sofrimento foram: o fechamento; fazer o trabalho em tempo curto e não ter as melhores condições para realizá-lo; baixa remuneração (não conseguir pagar as contas com seu trabalho); trabalhar fim de semana; a busca de quantidade ao invés de qualidade.

Também apareceram questões ligadas à subjetividade, autonomia e realização profissional. Assim foram apontados como sofrimento no trabalho: tratar de temas para os quais você não está preparado; falta de espaço para reflexão; escrever o que não gosta; perseguição e não poder desenvolver o seu trabalho; frustração de não poder dizer tudo; frustração de não trabalhar no que queria; frustração em relação à matéria; fazer pauta sem identificação; não ter liberdade para se expressar; não conseguir fazer o jornalismo em que acredita.

Pelas falas é possível perceber que o sofrimento faz parte do trabalho como mostra a Psicodinâmica. A própria escrita foi descrita como um processo doloroso pelo jornalista Ivan Marsiglia. Já Audálio Dantas se definiu como um sofredor do texto. Para Ricardo Kotscho, o sofrimento é diário, sempre há insegurança, mas ela pode ser usada a favor do trabalho.

Clóvis Rossi também disse que sempre sente insegurança. Há no trabalho do jornalista uma tensão permanente de ser superado pelos fatos e de não conseguir as informações necessárias até o fechamento. A criatividade, em sua opinião, é prejudicada pela questão do tempo.

Houve relatos de longas jornadas de trabalho, como na *Folha*, em que o entrevistado de 32 anos chegava ao trabalho entre 10h e 11h da manhã e saía entre 23h e 1h da manhã. Apesar das horas a mais, não se pagava extra nem havia um banco de horas formalizado. Nem sempre era possível tirar as folgas a que se tinha direito, que expiravam com o tempo. Por outro lado, o jornalista relatou que existia autonomia e se estimulava a criatividade. Em outra fala, o trabalho do jornal diário é apontado como intenso e cansativo, e a autonomia existente está conformada à linha editorial da publicação.

Para Fernanda Cirenza, vive-se uma pressão industrial em jornal diário. Trabalha-se muito, mas também é uma experiência de muita aprendizagem. No fechamento, as pessoas ficam exaustas e, o “pescoção”, quando se adianta a edição de domingo se trabalhando de sexta para sábado, é massacrante.

A longa jornada de trabalho, especialmente no fechamento, apareceu também em outros depoimentos. O excesso de atividades simultâneas foi apontado como gerador de ansiedade. O plantão nos finais de semana geralmente ocorre uma vez por mês, mas a folga não é necessariamente na semana seguinte. Isso apareceu em relatos de trabalhos em jornais, internet e rádio noticiosa. Esse acúmulo de dias de trabalho foi apontado como causador de muito cansaço.

Também houve críticas à falta de planejamento e ao deslocamento diário para as redações, considerado por dois entrevistados como nem sempre necessário, mas exigido. Foram relatados dois tipos de pressão, a interna – o próprio jornalista se cobra muito - e a pressão do prazo.

Para Kotscho, que sempre trabalhou 12 horas por dia, a pressão faz parte do trabalho e, na TV, a pressão do tempo é ainda maior. Na avaliação de Audálio Dantas, o jornalista é um angustiado, e as empresas se beneficiam da paixão que os profissionais sentem pelo trabalho. Essa dedicação ao trabalho está presente nos jornalistas de todas as idades, o que é perceptível tanto pelos relatos quanto pela carga emocional de seus gestos e fala durante a realização das entrevistas.

A questão dos baixos salários apareceu principalmente na fala dos jornalistas com menos de 40 anos como uma preocupação. O relato de uma jornalista de 27 anos exemplifica bem os problemas enfrentados: o jornalista trabalha muito, ganha pouco, vive com medo de perder o emprego, precisa fazer “frilas” para complementar a renda, trabalha 24 horas, sofre com a precarização do trabalho e ainda há os casos dos PJs – trabalhadores que cumprem jornada, mas são contratados como pessoa jurídica. Tudo isso contribui para o sofrimento no trabalho.

O envolvimento com a profissão faz com que suportem essas condições adversas. Em outras pesquisas aparece a noção de paixão associada à profissão. Por exemplo, no estudo de Travancas (1993, p.60), que destaca: “A carreira é emparelhada com o objeto de amor, e pode ser tomada como tal. Com ela se estabelece uma relação que sai da esfera do racional e da sobrevivência e atinge a dimensão do prazer”. Esse sentimento chega a ser “uma exigência ou mesmo condição para um bom desempenho profissional”.

A pesquisadora utiliza a ideia de *adesão* para mostrar “um envolvimento da profissão na vida da pessoa, de tal forma que levaria a uma sujeição dos outros aspectos da vida”. Para os jovens jornalistas entrevistados, a profissão também é vista como fundamental em suas vidas, aparecendo como “definidor de suas identidades; na maioria das vezes, trata-se do papel principal dentre os vários que desempenham” (TRAVANCAS, 1993, p.79).

Essa questão da paixão também está relatada na pesquisa realizada por Heloani (2003, p.54): “Chama a atenção o fato que a maioria dos depoentes, apesar da falta de infraestrutura e de outras demandas, fazem da profissão um verdadeiro fetiche. Gostam e muito, alguns nutrindo por ela verdadeira paixão”.

O prazer está ligado a esse envolvimento profissional que o trabalhador jornalista tem. Quando questionados sobre a interferência do trabalho na vida pessoal, há dois tipos de respostas que se destacaram. Aquelas em que os jornalistas afirmam que o trabalho tem essa interferência, a ponto, por exemplo, de a pessoa assistir a um filme e pensar em possíveis pautas, ou então, estar tão cansada pelo trabalho que deixa de sair ou fazer outras coisas que gosta. E outros que respondem que o trabalho é sua vida: “Meu trabalho também é minha vida pessoal. Eu sou o que o trabalho quer.” Ou “meu trabalho é minha vida”.

O reconhecimento de seu trabalho seja pelo outro como por si próprio faz com que o sofrimento possa ser transformado em prazer. Isso ocorre quando o jornalista faz aquilo em que acredita. Tanto que é possível aceitar as condições precárias de trabalho por isso. É o caso de jornalistas atuantes em mídia alternativa, em que a militância fez com que aceitassem a supressão de direitos (não ser registrado conforme a CLT, baixos salários) por ter a oportunidade de cobrir movimentos sociais, ainda que com o tempo isso passasse a ser questionado. Ou do jornalista que aceita ficar um tempo sem registro e, mesmo depois de registrado, fazer horas extras sem remuneração ou sem ter folgas, pelo reconhecimento de trabalhar na grande imprensa. Foram situações que emergiram das entrevistas.

Essa aceitação está ligada com o sentido que o jornalismo tem para cada um dos entrevistados, que acreditam no seu trabalho, apesar de todas as adversidades. Nas entrevistas, o trabalho é apontado como fonte de prazer quando se consegue realizar um trabalho bem apurado e bem feito; trata-se de temas com os quais se tem afinidade; há autonomia.

Outras questões foram consideradas como prazer: o próprio resultado do trabalho; a matéria que dá certo; o amor à profissão; ter o nome no jornal; ver a matéria publicada com o seu nome ainda que o leitor nem repare nisso; ter o reconhecimento dos leitores (casos em que escrevem para a redação agradecendo pela utilidade da matéria); trabalhar no local em que você gostaria de trabalhar (por exemplo, jornalista que cita a vaidade de trabalhar na *Folha*); ver o texto terminado e achar que ficou bom; o alívio de entregar uma matéria e ter ficado legal; sentir-se participando do mundo; ter contato com as pessoas e aprender com elas; ajudar a transformar uma situação; a possibilidade de influenciar a sociedade e ter impacto na vida das pessoas; conhecer diferentes realidades; mostrar o que existe; fazer a pauta e ter reconhecimento; ver que o trabalho tem resultado; a intensidade do trabalho e das entrevistas; o prazer de conseguir a informação; a apuração rigorosa; o prazer de contar histórias.

Os depoimentos mostram que o trabalho dá sentido à vida do jornalista. Apesar das condições precárias, esse trabalhador acredita na importância do seu trabalho. A mistificação em torno da profissão, comparada com o sacerdócio e a medicina em relatos de pesquisas anteriores como Ribeiro (2001) e Travancas (1993), e o próprio papel do jornalismo na democracia contribuem para a construção desse sentido.

Na prática, os próprios ritos do trabalho e o reconhecimento que ele proporciona são fontes de prazer. Os jornalistas se veem contribuindo para a transformação da sociedade e se transformam pelo trabalho, como quando relatam o prazer de conhecer o novo e de aprender com as pessoas. O reconhecimento, que leva ao prazer, pode vir do outro, como quando o leitor agradece pela informação, mas também de si mesmo, quando se escreve sobre aquilo que você acredita ou quando se gosta do resultado do trabalho. É o próprio sujeito aferindo um resultado positivo ao seu trabalho.

Ainda há o reconhecimento dos pares, que não foi citado na questão sobre o prazer, mas claramente contribui para um bom ambiente de trabalho, o que pode ser percebido ao longo das colocações dos entrevistados. Ambientes ruins são causas de sofrimento e adoecimento, além de possibilitarem a ocorrência de assédio moral, que não se trata de uma questão individual e sim organizacional.

IV. Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos uma breve reflexão sobre os primeiros resultados de nossa tese. As entrevistas ainda estão em processo de transcrição e análise, que será aprofundada nesta reta final da pesquisa, no segundo semestre de 2014. No caderno de campo, estão as primeiras impressões das entrevistas, que revelam o nível de envolvimento dos jornalistas com o seu trabalho. Ao falarem de suas atividades diárias, em vários momentos, era possível ver o brilho nos olhos e o sorriso dos entrevistados. As críticas também vinham carregadas de emoção e sofrimento.

Se o trabalho é capaz de dar sentido à vida do jornalista, que se vê como jornalista 24 horas do dia, com melhores condições de trabalho, seria possível não só atuar na construção da saúde do sujeito e intensificar a transformação do sofrimento em prazer, como também possibilitar o exercício de um jornalismo que realmente contribua para a

consolidação da democracia e para que o cidadão tenha o seu direito à informação efetivado.

No entanto, vive-se uma situação de precarização do trabalho, que tem consequências negativas para a qualidade do jornalismo praticado e para a saúde física e mental do jornalista. O sofrimento é intensificado, e o prazer oriundo dessa vocação ao jornalismo pode não ser no futuro uma defesa suficiente para suportar as condições ruins. Além disso, se o jornalista deixar de acreditar no seu trabalho, não haverá identidade com o que ele produz, nem reconhecimento possível. O trabalho será cada vez mais alienado, e o espaço para o prazer será suplantado pelo sofrimento. Não haverá possibilidades de transformação da sociedade e de si próprio. A saída para isso não é individual. Deve ser uma busca coletiva para mudar a organização do trabalho.

Referências bibliográficas

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

_____. Psicopatologia do trabalho - Psicodinâmica do trabalho. **Laboreal**, vol. VII, n.1, 13-16, 2011.

_____. **Trabalho Vivo II**: Trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005. p.62-83.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no Mundo do Trabalho e Impacto na Qualidade de Vida do Jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório nº 12/2003.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta** - Condições e Contradições do Trabalho Jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense e Olho D'água, 2001.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

UCHIDA, Seiji, SNELWAR, Laerte Idal, LANCMAN, Selma. Aspectos Epistemológicos e Metodológicos da Psicodinâmica do Trabalho. **Travailleir**, n. 25, 2011.